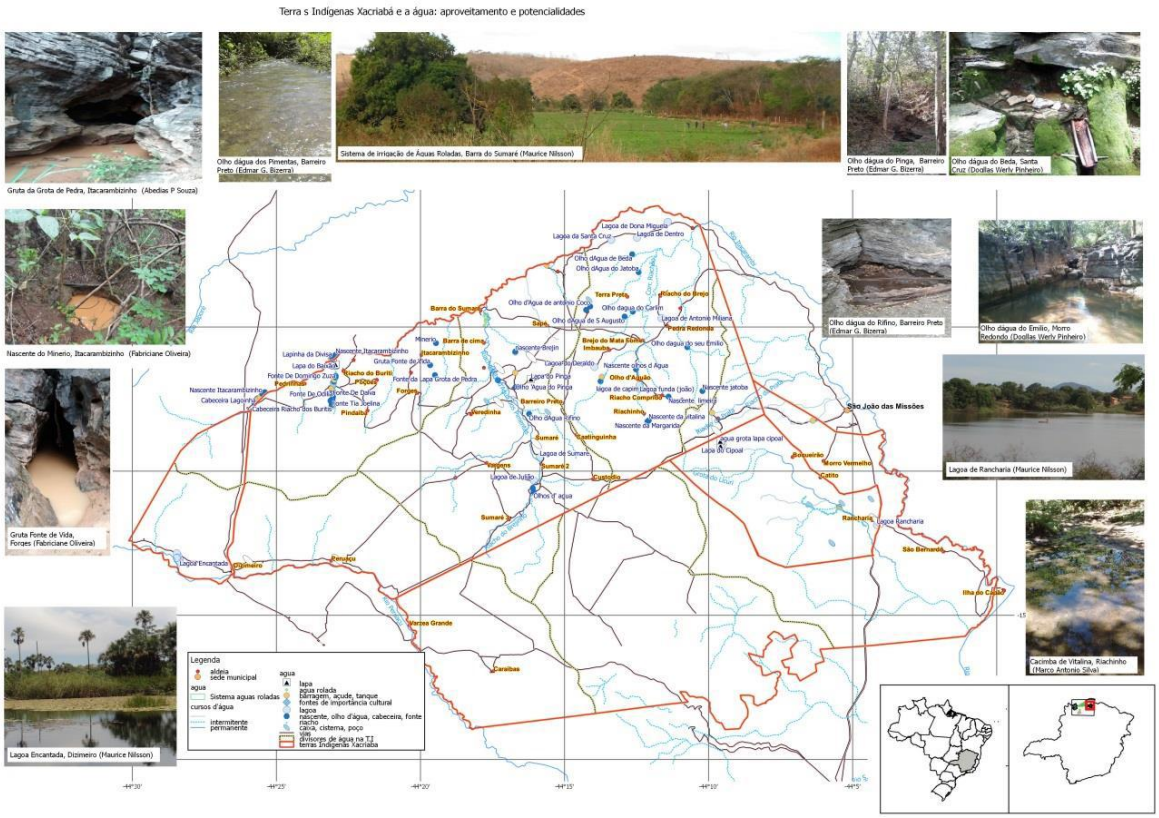
MAPA DAS ÁGUA

Fonte: PTGA - Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras indígenas
Associação Nacional de Ação Indigenista (Pnud/ Funai/ Anaí). 2016.



O território indígena xakriabá é banhado pelo rio Itacarambi ao norte e pelo rio Peruaçu ao sul. Com a revisão dos limites da Terra Indígena Xakriabá, o rio São Francisco passa a ser o limite leste do território legalmente reconhecido. O Itacarambi e o Peruaçu são afluentes do rio São Francisco e nas terras indígenas nascem muitos riachos que abastecem esses rios.

Tradicionalmente os xakriabá vêm ocupando as proximidades dos riachos, várzeas e brejos há muito tempo. Empurrados para longe das margens do rio São Francisco pela frente de colonização, buscaram nessas áreas mais úmidas, irrigadas pelos rios Itacarambi e Peruaçu e seus afluentes, as condições necessárias para se estabelecer, construir suas aldeias e plantar mandioca, milho, feijão e outras culturas de interesse para o consumo da família. A aldeia chamada Brejo Mata Fome, recebeu esse nome, justamente porque era um local de parada de viajantes

sedentos. E várias outras aldeias têm nomes relacionados a riachos, olhos d'água, várzeas etc.

O rio Itacarambi, chamado localmente de Itacarambizinho, tem nascentes dentro e fora da terra indígena e seu curso limita a mesma desde antes da aldeia Lagoinha até a aldeia São Domingos. A partir daí ele corre por fora dos limites da terra indígena e deságua no rio São Francisco nas proximidades da Ilha do Capão. Esse rio, de fundamental importância para o povo Xakriabá vem sofrendo graves ameaças desde a construção da barragem ao desvio do seu curso, nas proximidades de sua foz para encher açudes em propriedades particulares fora da terra indígena.

O rio Peruaçu nasce fora da terra indígena, passa pelas aldeias Dizimeiro, Peruaçu, Vargem Grande e segue em direção sudeste atravessando o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu até desaguar no rio São Francisco após passar pelo vilarejo conhecido como Julião às margens da BR 135. Além das queimadas que o afetam gravemente, há indícios de que o rio Peruaçu esteja contaminado por esquistossomose e agrotóxicos utilizados nas plantações de eucalipto vizinhas ao rio e ao território indígena.

Microbacias do território indígena

1 - Riacho do Brejo

Na bacia do Riacho do Brejo, que inclui seus afluentes *Riachão, Riachinho e Riacho* Comprido, a água corrente aparece apenas nos meses chuvosos vindo a secar em seguida. O leito do riacho seco pode abrigar água, onde é necessário abrir uma cacimba.

2 - Riacho das Vargens (Sumaré)

Na bacia do Riacho das Vargens, o Sumaré, há um único curso de água que tem permanecido mesmo em épocas de seca: trata-se do *Olho d'Água dos Pimenta*, que, já próximo da desembocadura, abastece o sistema de irrigação de águas roladas, única área irrigada permanentemente da TI Xakriabá. O *Olho d'Água dos Pimenta* dista 16,6 km das nascentes iniciais do Ribeirão das Vargens/Sumaré, situadas nas proximidades da aldeia Sumaré 3. Nesse percurso, estão secos importantes pontos que no passado forneciam água para os moradores, tendo

proporcionado inclusive o povoamento da região do Sumaré 2 e III, tais como a *Lagoa do Julião e os olhos d'água* que abasteciam essa lagoa.

3 - Prata

Na microbacia do Prata, igualmente encontram-se localidades com água depositada muitas vezes nas grutas e formações de geologia calcária. Dentre os cursos que correm para o leste, o da Prata é o maior, mas há o Jequitibá, que já foi no passado de importância para o povoamento. Mais ao sul, o Licuri, recebendo as águas da Nascente do Cipoal, na gruta de mesmo nome, já corre em direção à Rancharia. Muitas dessas fontes da Prata, tais como a Mãe d'Água também têm secado no período extenso de estiagem.

4 - Riacho do Licuri

Na Rancharia, o ano de 2015 foi marcado por uma estiagem que secou a lagoa de Rancharia. Uma bem-sucedida intervenção de obras de desassoreamento no leito da lagoa, localizando o sumidouro, garantiu a volta da água a partir das chuvas de 2016. A lagoa de Rancharia recebe a montante um curso d'água com uma grande quantidade de nascentes, vindas das morrarias e anfiteatros, incluindo localidades como Cabeça d'Anta e Boqueirão, de onde vêm as águas do Cipoal e Licuri e as águas do Rio de Janeiro.

5 - Alto Itacarambizinho

As bacias do norte da Terra Indígena correm para o rio Itacarambizinho. Um dos rios principais dessa região foi represado no final da década de 1980 pela CODEVASF. Embora seja uma obra contra a seca, não beneficiou tanto os Xakriabá. O trecho acima da barragem é menos densamente povoado, mas ali estão as aldeias Riacho dos Buritis, Itacarambizinho, Forges e Pindaíbas. Igualmente estão em lapas os remanescentes de água durante a estiagem. Os povoamentos estão no limite entre os tabuleiros com cerrado e as encostas das depressões, bem mais estreitas, já alcançando o rio Itacarambizinho. Nessa pequena faixa, afloram maciços calcários com as fontes de água que possibilitaram o povoamento intermitente. Ainda há agricultura de vazante na beira do Itacarambizinho, beneficiada pelo aporte de água dos tabuleiros, ainda presentes no solo durante a estiagem.

6 - O rio Peruaçu

O rio Peruaçu percorre a divisa do território xakriabá e sua margem esquerda encontra-se dentro da terra. Ele serve às comunidades do Peruaçu, Dizimeiro e Vargem Grande, já na área retomada. O Peruaçu apresenta água perene, com lagoas marginais ainda perenes e um sistema mais ligado ao sistema de veredas, com buritizais em seu leito; isso significa que é um rio relacionado ao bioma do cerrado, antes de cair nas áreas cársticas que lhe fazem fama, já dentro do Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu. No trecho dentro da terra indígena, ele é importante fonte a essas comunidades, incluindo aí sua importância cultural.

NASCENTES

1 Aldeia: **Forges**

1.1 - Nascente: Cabeceira dos Forges

A vegetação predominante é classificada como *encosta de cerrado*, sendo encontradas espécies do cerrado e da mata. Antigamente havia uma nascente que seguia curso até o rio Itacarambi. Atualmente não existe mais água e o local é destinado à criação de animais e acima da nascente foi construída uma barragem com objetivo de dar água os animais soltos na mata.

1.2 - Nascente: Gruta do Regão

A vegetação predominante é da mata. Segundo relato: antes existia um remanso, um riacho vindo da nascente da cabeceira do Forges. O riachinho corria em direção a gruta ou sumidouro.

Atualmente existe só o local seco: quando chove a enxurrada sai arrastando pedaços de pau e lama pra dentro da gruta.

1.3 - Nascente: Gruta Fonte de Vida

A vegetação predominante é de mata. O local recebe esse nome porque antigamente servia para sustentar muitas famílias, que iam buscar água para diversos usos: lavar roupa, tomar banho entre outras utilidades. A água da gruta era uma água sadia por isso denominava a gruta de “Fonte de Vida”.
As pessoas plantavam horta e bananeira na margem da grota que represava bastante água formando um remanso e utilizavam água do remanso para irrigar os plantios.
Atualmente ainda existe água dentro da gruta, mas diminuiu bastante, os animas que antes habitavam o local também foram desaparecendo com o passar do tempo devido ao desmatamento e a escassez de água.

2 Aldeia: **Itacarambizinho**

2.1 - Nascente: Gruta Fonte da Lapa

Com vegetação predominante de mata, antigamente a lapa tinha bastante água e quando havia falta de água em outros locais, as pessoas da comunidade iam buscar água para realizar seus afazeres, juntavam umas oito pessoas e entravam uns 30 metros pra dentro usando faixo de fogo e lamparina para iluminar, por ser muito escuro. À medida que ia aprofundando o ar ia diminuindo. A água que chegava à lapa é originada da gruta que vai desaguar no rio Itacarambizinho. Atualmente só junta água quando chove muito.

2.2 – Nascente: do Minério

A vegetação predominante é mata. A nascente está cercada e bem preservada. Nunca havia secado, mas no ano de 2015 a nascente secou pela primeira vez. Antigametne a água da nascente era usada tanto para uso doméstico quanto para os animais beberem. Atualmente esta nascente tem água provavelmente devido ao período de chuvas e alguns animais ainda bebem dessa água acumulada.

2.3 – Nascente: Itacarambizinho

Na aldeia Itacarambizinho existe uma linda nascente de água, que é de grande importância, pois ao longo de muitos anos atrás, esta nascente era uma fonte de água limpa que servia como bebedouro de muitos animais, corria muita água, e abastecia grande parte da região vizinh. Essa nascente nunca havia secado, fosse no período das chuvas ou do tempo das águas, da nascente brotava um enorme volume de água e a partir desta formava um rio volumoso. Atualmente há o risco de ocorrer o seu desaparecimento. Em 2015, pela primeira vez a nascente secou. Tudo devido à falta de chuva e também pela grande devastação das matas ciliares em seu leito. Hoje a nascente tem acumulado uma pequena quantidade de água, graças às chuvas.

2.4 – Nascente: Grota de Pedra

A grota de pedra era um rio que acomodava muita água. Antigamente esse rio não secava, tinha peixes e corria água o ano todo: Atualmente ele secou.
Ao longo do leito do rio grota de pedra, próximo à sua nascente encontra-se uma gruta, esta gruta é hoje conhecida como a lapa da grota de pedra. Nessa lapa ainda pode-se encontrar água no seu interior, e nos períodos chuvosos sai dela toda a água que enche a grota de pedra que por sua vez deságua no rio Itacarambizinho.

3 Aldeia: **Pindaíba**

3.1 – Nascente: Jacarezinho

A antigamente esta nascente nascia dentro da grota e corria muita água, as águas eram represadas para lavar as roupas e demais usos. O local era bem preservado e as pessoas cuidavam da nascente evitando desmatamento. Atualmente a nascente está seca e os arredores muito desmatados.

3.2 – Nascente: Cabeceira da Pindaíba

O local das nascentes da cabeceira da Pindaíba era um lugar brejoso e bem preservado, eram dois *galhos* de nascentes que se juntavam e formavam um brejo, e logo mais abaixo existia um açude que represava a água que vinha da nascente. Entre as nascentes existia um carreiro que dava acesso da aldeia Pindaíbas à aldeia Peruaçu onde o pessoal campeava. Havia água em abundância o que dificultava o acesso das pessoas ao local, existiam muitos animais como peixes, jacarés e animais dos *gerais* que vinham para beber água e se alimentar. Há alguns anos essa região foi tomada por incêndios, que tiveram início na aldeia Riacho dos Buritis por descuido de moradores, resultando na seca das nascentes e morte de muitas árvores nativas. Atualmente o local está cercado, porém não está impedindo a entrada dos animais, a vegetação está se recuperando aos poucos, mas a presença dos animais dificulta o desenvolvimento da vegetação.

4 Aldeia: **Olhos d'Água**

4.1 – Nascente: Olhos d'Água

A vegetação predominante é de mata: os arredores estão bem preservados e a área está cercada. A nascente sempre manteve o fluxo corrente de água, e quando chove as águas que entram nas lapas, deságuam na nascente, porém diminuiu com o passar dos anos. As pessoas utilizavam a água para realizar os afazeres domésticos, tomar banho, e dar água os animais, alguns moradores mais

experientes foram percebendo que o acesso direto das pessoas e dos animais, poderia ocasionar o assoreamento da nascente e passaram a orientar as outras pessoas, a fazer uso da água há alguns metros abaixo da nascente.
Posteriormente foi feito o cercamento da nascente, por meio de um projeto direcionado a proteção de todas as nascentes, que contribuiu para diminuição dos impactos diretos. E com a chegada da água encanada, as pessoas foram diminuindo a utilização da água da nascente.

4.2 – Nascente: Gruta da Divisa Zé de Henrique

Localizada no limite dos municípios de São João das Missões e Miravânia, a vegetação predominante é de mata e a área nos arredores está bastante degradada. Há alguns anos, vinham pessoas de vários lugares pra tomar banho, lavar roupa dar água a animais, entre outros. A água era limpa e abundante. Com o passar dos anos foi aterrando a passagem, o que ocasionou a seca do riacho.

4.3 – Nascente: Lapa da Bernardinha

Localizada na divisa da área indígena com o município de Miravânia, a vegetação predominante é de mata. Com a vegetação mais ou menos preservada, o terreno é pedregoso e apresenta voçorocas em grandes extensões.
Há em suas paredes alguns tipos de depredação, como rabiscos incisos e em carvão. Essa gruta é de fácil acesso às pessoas. Dentro dela passa o rio Itacarambizinho que antes não secava e hoje, em algumas partes, já está sem água por causa do desmatamento do local.

5 Aldeia: **Riacho dos Buritis**

5.1 – Nascente: Lapas do Baixão

As cavernas ficam longe de moradias, não têm pinturas, mas existem algumas pichações. Possui uma vegetação de mata secundária, ainda há presença de água em seus interiores, que segundo relatos vem da cabeceira do Riacho dos Buritis, possuem blocos abatidos no solo e estalactites e cortinas formadas por pedras.

5.2 – Nascente: Nova lapa

A área está bem preservada e cercada, possui espécies características da mata. A nascente é originária de água de grutas localizadas em terrenos acima da nascente, como a lapa do Baixão entre outras e fica em um ponto que deságua no rio Itacarambizinho, que atualmente corre água no leito somente quando chove bastante na cabeceira.

5.3 – Nascente: Riacho dos Buritis

A vegetação é caracterizada pela presença do buriti (*Mauritia flexuosa*), palmeira, ocorrendo em meio a agrupamentos de espécies arbustivo-herbáceas, circundado por cerrado. O lugar era bem preservado e brejoso, a nascente da cabeceira dava origem ao riacho dos Buritis, que ia formando fontes ao longo do percurso, até desaguar no rio Itacarambi. As pessoas faziam diversos plantios para o consumo e a criação de gado, contribuindo para o esgotamento do brejo. Atualmente a nascentes está seca.

Abaixo do brejo tinha um açude de água natural que atravessava a estrada, logo mais abaixo tinha outro, mais abaixo tinha outra nascente às margens do riacho. Atualmente, ainda estão fazendo queimadas indevidas, e destinando as áreas no leito do riacho para plantio e criação de animais, ocasionando a compactação do solo e dificultando a regeneração da vegetação.

6 Aldeias: **Lagoinha e Pedrinhas**

6.1 – Nascente: Itacarambizinho

Outra nascente do rio Itacarambizinho está localizada em um local de brejo, a vegetação nas proximidades é de mata, existem roças próximas, e algumas barraginhas onde o gado bebe água. Antigamente existia uma lagoa cheia de peixes, jacarés entre outros animais. Atualmente não corre mais água e os arredores estão desmatados.

As margens do rio estão pouco vegetadas, e no leito não corre mais água. Atualmente o rio está seco e existem muitas áreas desmatadas próximas às margens.

7 Aldeias: **Dizimeiro e Peruaçu**

7.1- Nascente: Rio Peruaçu

O rio Peruaçu é importante para todas as aldeias e até mesmo para as comunidades que não fazem parte do território: ele abrange várias comunidades e é de suma importância para todos os moradores, principalmente para a população ribeirinha. Este rio vem sofrendo profundas transformações devido às queimadas e ao desmatamento.

No trecho do Peruaçu que passa na aldeia Peruaçu, o rio era grande e tinha a água clarinha onde os moradores mais próximos realizavam suas principais atividades. Também os animais iam lá para saciar a sede. Em 2012 aproximadamente, houve uma enorme queimada e esta matou todos os pés de buriti que serviam de matéria prima para os artesãos da região e demais localidades. O incêndio acabou com várias espécies nativas de aves e animais. O solo ficou extremamente empobrecido com suas camadas sendo profundamente atingidas pelo fogo.

7.2 – Nascente: Lagoa Encantada

A lagoa recebe esse nome porque ninguém consegue ir até o seu meio, pois ela tem uma espécie de encanto. A lagoa é uma das várias riquezas da aldeia Dizimeiro, mas está secando.

7.3 – Riachos

A vegetação ao seu redor está totalmente seca. Antigamente lá eram realizadas as mais variadas atividades, desde lavar louça, roupa, tomar banho à saciar a sede tanto das pessoas quanto dos animais.

8 Aldeia: **Barreiro Preto**

8.1 – Nascente: Olhos d'Água dos Pimenta

A nascente da aldeia Barreiro Preto é conhecida como Olhos d'Água dos Pimenta ou Três Olhos d'Água, porque ela possui três nascentes uma próxima à outra. Esta nascente foi cercada através de um projeto da Associação Barreiro Preto. O riacho, fica logo abaixo da nascente Olho d'Água dos Pimenta e é conhecido como fonte onde as pessoas utilizavam para pegar água para o consumo, lavar as louças e tomar banho, por isso todas as famílias que moram próximas ao rio têm a sua própria fonte um local para fazer essas atividades do dia-a-dia; e até hoje, muitas pessoas ainda continuam utilizando estas fontes mesmo já tendo chegado a água encanada.

8.2 – Nascente: Dos Pinga

As pessoas que moram próximas à nascente do Pinga utilizam a água da própria nascente quando falta água da rede encanada.

8.3 – Nascente: Olho d'Água de Rifino

Nascente que foi cercada por projeto de recuperação de nascentes da Associação Barreiro Preto.

8.4 – Nascente: Lagoa do Barreiro Preto

Esta é uma antiga lagoa que também era conhecida como lagoa de Rifino, e que hoje é conhecida como lagoa da comunidade, e devido às demandas sobre a falta de água foi feita uma barragem para suprir as necessidades da comunidade quando falta água para os animais beberem.

9 Aldeia: **Sub aldeia Brejinho**

Nesta Aldeia existia, no passado, três nascentes, que hoje estão secas. Existia também uma olaria onde eram produzidas telhas. A água era usada para beber, banhar, lavar roupas e dar águas aos animais.

9.1 – Nascente: barragem do Brejinho

A Nascente se encontra totalmente seca mas cercada com o objetivo de que possa se recuperar. A barragem foi construída com objetivo de captar água para irrigar um plantio de hortas e outras variedades de plantas e árvores.

10 Aldeia: **Sumaré 1**

Lagoa antiga que ainda está em uso pela comunidade. Ao contrário de outras lagoas, felizmente ela não secou. Antigamente as pessoas da comunidade usavam a lagoa para lavar roupa, molhar plantas e dar água para os animais e outras utilidades. Hoje estão utilizando só para dar água para os animais. É uma lagoa comunitária.

11 Aldeia: **Sumaré 2**

11.1 – Nascente: Lagoa de Julião.

11.2 – Nascente: Olho dágua do Sumaré 2

Este olho d'água fica na aldeia Sumaré 3 em um local que chama de Brejo. Há cercamento para evitar movimentação de animais e roças ao redor. Neste local tiveram algumas queimadas onde os moradores acham que foi uma das causas da nascente secar.

11.3 – Nascente: Lagoa do Sumaré 2

Antigamente neste local corria água, que vinha dos olhos d'água do Sumaré 3 e do Buracão e descia para o riacho das vargens. Atualmente no período das águas ela transborda, por conta da água das enxurradas que passa no antigo leito. No período da seca a água vai diminuindo e se transforma em uma lagoa. Esta lagoa é usada para dar água aos animais: gado, cavalos entres outros, dos moradores do Sumaré 2 e 3.

12 Aldeia: **Sumaré 3**

12.1 – Nascente: Olho D'água Buracão

Este olho d'água localiza-se em um lugar que os moradores chamam de Brejo, mas atualmente não tem mais água no local, apenas um buraco onde no período da cheia (periodo das chuvas) enche e fica com água por alguns meses.

13 Aldeia: **Barra do Sumaré**

Na aldeia Barra do Sumaré deságua o riacho que passa pelas aldeias Sumaré I, Sumaré 2 e Barreiro Preto recebendo diferentes nomes. Tendo como ponto importante dessa microbacia o olho d'Água dos Pimenta que alimenta o riacho que chega na Barra do Sumaré. Nessa aldeia há um tradicional sistema de irrigação conhecido como *águas roladas* que consiste na construção de canais com aberturas que são abertas ou fechadas de acordo com a necessidade de água das áreas de roça no sistema, como ilustrado nas imagens a seguir.

O *sistema de águas* roladas deve ser centenário segundo relatos daqueles que trabalham no local. Os canais de pedra foram construídos pelos antigos à custa de muita determinação e capacidade de trabalho coletivo devido ao esforço exigido para realizar tal obra sem máquinas e equipamentos modernos.

Núcleo Brejo Mata Fome

O núcleo Brejo Mata Fome abrange as aldeias Brejo Mata Fome, Embaúba, Morro Falhado, Sapé, Itapicuru, Santa Cruz, São Domingos, Terra Preta, Riacho do Brejo, Riachão, Pedra Redonda, Olho d'Águão, Riachinho, Riacho Comprido e Prata.

14 Aldeia: **Prata**

As nascentes da aldeia Prata são: nascente da Mãe d'Água, poção do Velho Carrim Bunina, olho d'água de Salú, nascente do Tanque, cacimba de Emília, grota de Santa, Buracão e Fontinha, nascente do Jequitibá, cacimba do Pifano, nascente do Antônio de Dina, olho d'água de Messias (Zé de Bia), lagoa Zé da Prata (barragem do poço), nascente do Jatobá, nascente do Tamboril, poço de Bia.
São poucas as nascentes que ainda têm água, porque muitas já secaram.

14.1 – Nascente: do Jatobá

Na nascente do Jatobá ainda existe um pouco de água que serve só para os animais e os pássaros que habitam naquela região. A nascente do Jatobá recebe esse nome por existir vários pés de jatobá que sobrevivem há mais de 200 anos desde que a nascente foi descoberta. A água dessa nascente era utilizada para construir suas casas e para uso doméstico: beber, tomar banho, cozinhar, lavar roupa, e para os animais entre outros sobreviventes que por ali habitavam.

Nascente da Mãe d'Água

14.2 – Nascente: do Tanque

A nascente do tanque conhecida pelas pessoas mais velhas como nascente jatobá que fica no centro da aldeia prata. Existe água não muito e é utilizada pelas pessoas

que tem criação de animais. Três anos atrás toda a comunidade sobrevivia dela. A mesma já sofreu com o desmatamento e queimadas próximas que afeta a vegetação, não esquecendo também da colaboração do lixo que contribui mais do que o suficiente para a diminuição da água. Logo próximo, a essa nascente existe outra chamada Nascente Antonio de Dina, antigamente muito usada pela comunidade para todo benefícios necessário.

14.3 – Nascente: do Cipoal

Uma das outras nascentes onde ainda existe um pouco de água, é a Nascente do Cipoal muito utilizado pelos moradores próximos e distantes também, para as criações. A nascente do Cipoal é uma das que abastece os riachos de Rancharia.

14.4 – Nascente: Antônio de Dina

A nascente Antônio de Dina fica próxima à nascente do Tanque (ou nascente Jatobá) e antigamente era muito usada pela comunidade para todos os benefícios. Atualmente ela está cercada para que a vegetação não seja destruída.

14.5 – Nascente: Poço de Bia

14.6 – Nascente: Limeira

Essa nascente recebe esse nome porque no local existia muito lima e as pessoas se alimentavam dessa fruta. Essa água era usada para todos os benefícios: cozinhar, banhar, beber, lavar roupa, para as criações, para construir casas e outras utilidades.

15 Aldeia: **Riachinho**

15.1 – Nascente: Olho d'água da Margarida

Essa nascente recebe o nome porque muito próximo a ele existia essa pessoa que morava nesse local, onde até hoje tem a tapera dela perto do morro. Na nascente existe ainda água, ela percorre até certo ponto e quando falta água na rede a comunidade a utiliza para tomar banho, beber, dar água às criações, lavar roupa, molhar hortaliças, etc. Está cercada e a presença das galinhas é constante no local, pois é muito próxima as casas.

15.2 – Nascente: de Vitalina

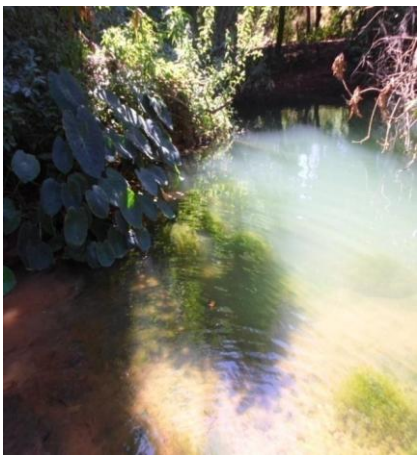
Essa nascente recebe o nome também porque existia a moradora Vitalina. Ao seu redor tem muitas pedras. As árvores e a terra são as mesmas da nascente de Margarida, pois fica próxima, mas destacando outro tipo de barro duro que as pessoas antigamente faziam pintura nas casas e nos artesanatos que eles produziam (colocava em uma vasilha com água de um dia pra outro ou pisavam pra usar). Existe um pouco de água que é utilizada pela comunidade e os animais tanto domésticos, quanto silvestres.

As nascentes "Vitalina e Margarida" se encontram e percorrem juntas. Mais abaixo existe um local onde as pessoas amolam nas pedras as ferramentas como: facão e faca.

16 Aldeia: **Olhos d'Águão**

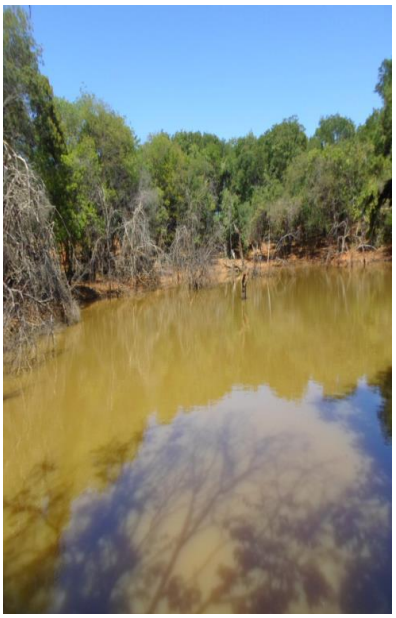
16.1 – Nascente: Olhos d'Água

Essa nascente era a que regava toda a vazante até no ano de 1964, porque nessa época ainda se fazia o plantio de feijão (catador e arranca), milho, cana, arroz... Hoje, o pouco de água que existe a comunidade ainda utiliza, os pássaros e animais também sobrevivem dela e atualmente está cercada e para ser preservada e se recupera.



16.2 – Nascente: Lagoa Funda ou Lagoa de João

Essa lagoa recebe esse nome por ser funda. Também as pessoas faziam dela um grande uso para sua sobrevivência e para os animais e até hoje principalmente o gado dos moradores da aldeia se beneficiam dessa água.



16.3 – Nascente: Lagoa do Capim

Essa lagoa tem água e dentro dela vive uma espécie de árvore por nome de pau-jeú. É utilizada também para uso dos animais e ao seu redor existem muitas árvores e está um pouco preservada. Essa lagoa foi dada o nome pelo finado Sr. Filício, morador da aldeia Riachinho porque no local existia muito capim e também porque morava uma família que tinha o sobrenome de Capim e até hoje existe a descendência.

17 Aldeia: **Imbaúba**

17.1 - Nascente: Passagem

Esse local recebe esse nome porque há alguns anos o rio corria e para atravessar para o outro lado era preciso passar por cima de umas tábuas que foram colocadas. Atualmente fecharam o local onde a água passava, criando uma nova estrada e com isso a água está acumulada e ficou conhecida como passagem (nome dado pelos mais velhos). Ao redor existem alguns pés de gameleira. A terra é branca e utilizada para fazer adobe para construção de casas (recebe o nome de tumbatinga).

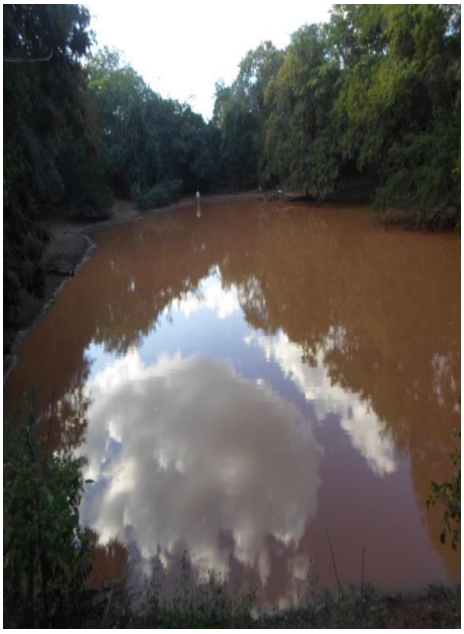
17.2 – Nascente: do Jerônimo

Nessa nascente ainda existe um pouco de água. Hoje a área está um pouco preservada. Existiam muitas espécies de animais, e, atualmente, somente duas espécies: o barbado/ seus filhotes, o soim e alguns pássaros. Está cercada para evitar a entrada de animais como o gado.

Tem outra nascente que também recebe o nome de Jerônimo, que é muita utilizada pela comunidade até hoje para lavar roupa, tomar banho, beber, dar água os animais domésticos, e aos seres que ainda existem na natureza. Uma área onde existem muitas cobras. Essas nascentes também regavam as plantações que eram plantadas pelos antigos: cana, mandioca, milho, feijão, banana, entre outros. Era usada para as pescarias da aldeia Brejo Mata Fome até a Imbaúba.

17.3 – Nascente: Lagoa de Deraldo

É uma lagoa comunitária e antes era muita usada. Hoje ela é mais usada pelas criações da própria aldeia. Ao seu redor existe uma espécie de árvore chamada canafice, muito rara no território e outras como: braúna e aroeira. A presença de um pássaro também é constante: o bem-ti-vi.



18 Aldeia: **Pedra Redonda**

18.1 – Nascente: Olho d'Água do Senhor Emílio

O olho d'Água do Senhor Emilio encontra-se limitado por cercas de arame para evitar invasões de animais de criação e com bastante vazão de água. O olho d'água está bem preservado, principalmente a mata ao seu redor, por isso não há sinais de desmatamentos, andanças de animais de criação ou erosões a não ser por uma quantidade de terra que se alojou dentro de seu poço vindo das grotas dos morros e que passa por ele. Sua água deságua no Riachão. O olho d'água está em uma área de rochas e uma terra mole escura quase preta com vegetação de Caatinga e não há moradias ao seu redor. Até pouco tempo atrás esse olho d'água não secava, mas passou a secar devido a poucas chuvas que caíram na região de alguns anos atrás até agora.

19 Aldeia: **Morro Falhado**

19.1 – Nascente: Olho d'Água de Antônio Côco

Do olho d'água de Antônio Côco não nasce mais água hoje em dia devido ao soterramento provocado por um morador local. Isso aconteceu por causa de um acidente que ocorreu muitos anos atrás quando esse olho d'água minava bastante água, foi quando a filha de Antônio Coco caiu acidentalmente dentro do buraco do olho d'água e com medo que isso ocorresse novamente ele tampou com terra e pedras como foi relatado por ele. Mas antes disso, esse olho d'água nunca secava mesmo em época de seca e toda a comunidade do Morro Falhado utilizava-se dessa água. Hoje em dia o olho d'água não mina mais água e está soterrado. Sobre o local onde antes minava água restou uma pastagem que foi plantada por Antônio Coco e não tem mais vegetação nativa de Caatinga a não ser dois pés de angico.

19.2 – Nascente: Olho d'Água de Seu Manoel

O olho d'água de Seu Manoel mina grande quantidade de água e nunca secou, mesmo em épocas de seca e sempre foi usado pelos moradores como fonte de abastecimento de água e é utilizado até hoje. Ele é muito utilizado pelos moradores e por isso é considerado muito importante para eles. Há constante movimentação de animais de criação na área pois há plantação de pasto ao seu redor. O gado acaba pisoteando o solo e sujando o olho d'água. Isso acontece por não existir cercamento de proteção em volta do olho d'água que mantenha os animais longe de sua encosta

.

19.3 – Nascente: Grota de Antônio Côco

A grota de Antônio Côco só tem água corrente em épocas de chuvas pois não tem nenhum riacho ou córrego que a abasteça. A grota passa pelo olho d'água do Jatobá na aldeia Terra Preta. Essa grota nasce no Morro Falhado, passa pela Terra Preta, passa pelo olho d'água do Jatobá, segue para a aldeia Santa Cruz e, por fim, deságua em um riacho chamado Cachoeira que recebeu esse nome devido a uma queda d'água que existe nesse lugar, mas é o mesmo riacho que vem da aldeia Brejo Mata Fome. A vegetação às margens dessa grota encontra-se muito desmatada pelo avanço da pecuária e da agricultura, principalmente na região das aldeias Morro Falhado e Terra Preta. É muito comum ver pontos de erosão do solo devido à retirada da vegetação das margens para a plantação de capim e grande movimentação de animais de criação.

As roças e os pastos devem ser a causa da erosão das margens da grota causando o assoreamento de vários pontos mais profundos da grota. Quando chove as enchentes trazem restos de madeira e terra que se solta e vão se alojando nos pontos mais profundos causando entupimento e a diminuição da capacidade de armazenamento de água da grota.

19.4 – Nascente: Olho d'Água de Seu Augusto

O olho d'água de Seu Augusto localiza-se dentro de uma grota e não produz mais água hoje em dia. Ele encontra-se soterrado e com sua vegetação de Caatinga totalmente desmatada para o plantio de pasto. Antigamente esse olho d'água produzia muita água e era muito usado pela sua família, e que não secava nem em época de seca. Mas devido a uma série de fatores ele acabou secando, como por exemplo: falta de cerca para proteger o olho d'água, choveu pouco nos últimos anos, a derrubada da mata causou o soterramento do olho d'água, causando seu entupimento etc. Como resultado, dele não mina mais água.

20 Aldeia: **Brejo Mata Fome**

20.1 – Nascente: Olho d'água de Dona Rosa

Devido às últimas chuvas, o olho d'água de Dona Rosa encontra-se cheio de água. Ele fica à beira de um riacho do Brejo Mata Fome e deságua nele. Esse olho d'água nunca chegou a secar completamente, apenas reduz a quantidade de água na época de seca. Mas hoje em dia a quantidade de água que ele mina é muito menor do que há alguns anos atrás e sua redução na época de seca é ainda maior. Muitas coisas contribuíram para que isso acontecesse como a diminuição das chuvas, o desmatamento e assoreamento e por fim o descaso da população. Ele tinha muitas árvores nativas de Caatinga ao seu redor, mas hoje já não tem quase nenhuma árvore. Existe apenas uma cerca de arame frágil ao seu redor, mas que quase não o protege, pois é muito próxima ao olho d'água e está caída. Outra situação que ocorreu de ruim com esse olho d'água foi um depósito grande de terra que foi deixado à sua margem, causando problemas como assoreamento e erosão do solo.

20.2 – Nascente: Lagoa de Antônio de Emiliana

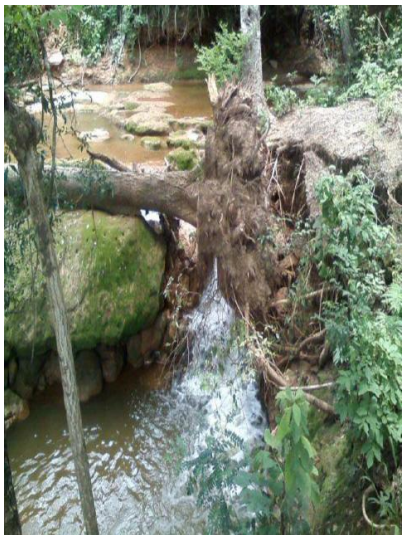
A lagoa de Antônio de Emiliana encontra-se com bastante. Essa lagoa sempre armazenou uma quantidade de água relativamente grande, mas nunca permaneceu cheia o ano todo. Geralmente ela enche na época de chuvas, mas permanece com água apenas alguns meses após o término das chuvas, por ser muito rasa. Mas esse tempo de cheia da lagoa diminuiu muito nos últimos anos, por conta da diminuição das chuvas e também porque o morador dono e responsável pela lagoa resolveu derrubar a mata de Caatinga às margens da lagoa para o plantio de pasto e milho deixando-a vulnerável ao sol quente na época de seca. Com isso acabou diminuindo a umidade do solo em volta da lagoa que era protegida pela vegetação. Estando expostos ao sol, a lagoa e o solo ao redor dela,

aumenta a evaporação da água. A retirada da vegetação também levou a erosões e assoreamento.

O morador do local escavou uma parte da lagoa para construir uma barragem para que armazenasse água por mais tempo e servisse para seus animais beberem em época de seca. Essa criação de gado se movimenta a todo momento ao redor e dentro da lagoa pois não há cerca de proteção.

20.3 – Nascente: Cacimba de Dona Josefa

A cacimba de Dona Josefa se encontra com muita água devido às chuvas na época em que foi visitada e por situar-se abaixo de uma cachoeira no meio do riacho que vem do centro da aldeia e que quando chega nesse ponto recebe o nome de "Cachoeira". Essa cacimba nunca secou por completo mesmo em época de seca. A família de Dona Josefa sempre usava a água dessa cacimba para todas as necessidades como beber, cozinhas, banhar etc. Usavam também a água dessa cacimba para dar de beber aos animais de criação principalmente em época de seca quando não havia mais água nos córregos. A água da cacimba era retirada com vasilhas e transferida para uma caixa d'água que ficava mais longe para que os animais bebessem. Hoje em dia a cacimba está abandonada pelos moradores que se mudaram dali. Suas margens estão se erodindo e com isso a cacimba está sendo soterrada, como resultado do descaso e das enchentes que arrastam terra e derrubam árvores do local. A vegetação nativa de Caatinga sofre com o avanço do desmatamento para implantação d e roças e pastos e se encontra pouco preservada por não existir cerca de proteção em volta da cacimba.



21 Aldeia: **Terra Preta**

21.1 – Nascente: Olho d'água do Jatobá

O olho d'água do Jatobá tem bastante água, mas esse olho d'água sempre produziu uma grande quantidade de água e a maioria das pessoas da aldeia usavam a água dele para cozinhar, lavar e beber. Ele não está muito preservado, mas até o momento tem sido útil. Há uma cerca ao seu redor, mas muito próxima à sua beira e não protege bem de animais de criação ou de entulhos vindos com as enchentes na grota que passa à sua margem. Por isso há uma grande quantidade de entulho dentro e próximo a ele. Além disso, houve uma interferência com máquinas para evitar um possível sufocamento ou aterramento (assoreamento), mudando assim sua forma atual. Mesmo assim, não há sinais de erosão. A mata nativa de Caatinga ao seu redor encontra-se mais ou menos preservada, mas próximo dali há um desmatamento grande para plantio de capim e criação de gado. Seu solo é de uma terra vermelha com muito cascalho e algumas rochas duras e outras moles.

22 Aldeia: **Santa Cruz**

22.1 – Nascente: Olho d'água de Beda

O olho d'água de Beda se mantem com água corrente apenas em época de chuvas. Ele se localiza na encosta de uma grota que não possui nome e a água desse olho d'água sai e corre por essa grota. Sua vegetação de Caatinga encontra-se muito destruída pelo desmatamento, substituição por plantação de capim e pela movimentação de gado ao seu redor. Seu terreno é de um tipo de terra avermelhada com muitas rochas. Há muitos sinais de erosões em toda a sua proximidade.

22.2 – Nascente: Lagoa da Santa Cruz

A lagoa da Santa Cruz encontra-se com uma quantidade razoável de água levando-se em consideração as poucas chuvas que caíram na região de alguns anos pra cá e que não há nenhum tipo de córrego ou riacho que a abastece. A água acumulada na lagoa é proveniente de chuvas. Ela não tem sinais de erosão do solo, mas apresenta soterramento devido à entrada de animais de criação e ao desmatamento ao longo de suas margens para plantação de pasto. Isso ocorre porque não possui cerca que impeça a entrada dos animais de criação e por causa da derrubada da mata. Seu solo é de uma terra arenosa avermelhada e mais próximo à lagoa essa terra fica escura quase preta. Sua vegetação é típica de Caatinga e há poucas moradias ao seu redor.

22.3 – Nascente: Lagoa de Dentro

A lagoa de Dentro é um pouco menor que a lagoa de Santa Cruz e também se encontra cheia de água devido às chuvas. Ela também tem pouca vegetação nativa ao seu redor devido aos desmatamentos para plantio de capim para o gado e não é cercada para limitar a entrada do gado. Há poucos sinais de soterramento ou erosões, mas a constante movimentação de animais de criação pode prejudicar. Há poucas moradias próximo à lagoa. Sua terra é arenosa de cor avermelhada.

23 Aldeia: **São Domingos**

23.1 – Nascente: Lagoa de Dona Miguela

A lagoa de Dona Miguela encontra-se com bastante água e é bem conhecida pelos moradores por ser uma das maiores lagoas da reserva e por nunca ter secado mesmo em grandes períodos de seca. Essa lagoa ocupa grandes extensões de terra e armazena grande quantidade de água, mas mesmo assim as pessoas não usam essa água para beber ou lavar alimentos: apenas para se banhar e lavar roupa, pois a água é escura devido ao apodrecimento de plantas como a taboa e também por ter muitos animais na água, ovos de insetos, girinos entre outros. Há até mesmo jacaré na lagoa. A vegetação de caatinga ao redor da lagoa encontra-se pouco preservada. Em muitos pontos da margem da lagoa não há mais árvores por terem sido derrubadas para o plantio de capim. Há sinais de erosão do solo às margens e assoreamento da lagoa. Ela não possui cerca que a proteja de animais de criação, por isso gado e cavalo pastam às suas margens livremente. Como essa lagoa não seca completamente ela abriga além de insetos, anfíbios e répteis, também vários tipos de peixes como piranha, traíra, curimatá (cromatá) etc. Além desses, o jacaré também é procurado por sua carne ser muito apreciada e consumida pelos moradores, sendo muito caçado nessa lagoa.

24 Aldeia: **Riachão**

24.1 – Nascente: Riachão

O Riachão nasce na serra da Tiririca, no limite leste da Terra Indígena e desce pelos morros passando pelo olho d'água do Seu Emílio, na aldeia Pedra Redonda, segue em direção à aldeia São Domingos onde se encontra com o riacho que vem do Brejo Mata Fome e deságua no rio Itacarambizinho que vai desaguar no São

Francisco. O Riachão encontra-se com água corrente em época de chuvas. Suas margens não aparentam erodidas, mas seu curso apresenta pontos de assoreamento. Após alguns meses passado o período de chuvas, o curso seca mantendo água apenas em alguns poços. Mas os poços estão sendo assoreados tornando-se mais rasos e sua capacidade de armazenar água é menor. A vegetação às margens do Riachão é típica de Caatinga em grande parte desmatada para implantação de roças e pastos. Foram construídas várias barragens ao longo do seu curso para reter água usada para dar de beber aos animais de criação. Não foram encontrados peixes no córrego, apenas cágados. Segundo alguns moradores mais velhos nesse Riachão já existiram muitos tipos de peixes o que acabou devido à escassez de chuvas e assim o córrego não enche o suficiente para que os peixes consigam subir e desovar nas cabeceiras do córrego Riachão.

24.2 – Nascente: Poção do Inferno

O poção do Inferno é alimentado pelas águas do Riachão, córrego que desce das serras, passa pelo olho d'água de Seu Emílio, na aldeia Pedra Redonda até chegar na aldeia Riachão. A partir do poço do Inferno as águas seguem adiante. Nessa época de chuvas, o poço encontra-se com bastante água. Ao contrário de outras nascentes e olhos d'água, o poço do Inferno não está protegido por cerca ao seu redor e já apresenta sinais de soterramento por conta de entulhos trazidos pelas enchentes que passam por ele constantemente. O solo nas suas margens está em erosão e há grande movimentação de animais de criação como gado e cavalos nas suas proximidades.

Ainda há muitas árvores (vegetação de Caatinga) ao seu redor. Há pontos de areia, mas predomina um solo de uma terra cor vermelho escuro e em alguns lugares há muitas rochas. Normalmente esse poço se mantem corrente apenas alguns meses após o período de chuvas, secando em seguida.

Núcleo Rancharia

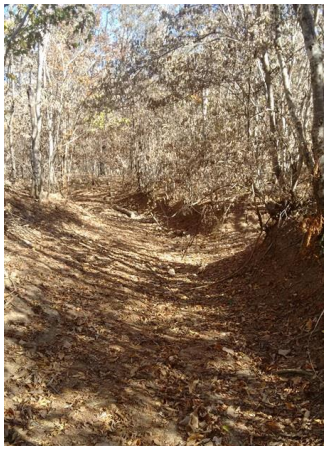
25 Aldeia: **Rancharia**

Os moradores de Rancharia veem a falta de água como uma preocupação central. Nessa aldeia há uma lagoa de grande importância para o povo. Antigamente as pessoas, em viagem a cavalo por essa região, faziam “rancho” no local em decorrência da lagoa e por isso a aldeia passou a ser conhecida como Rancharia.

Os moradores de Rancharia tem uma relação muito forte com a lagoa. Mesmo quando tinham acesso ao rio São Francisco, a lagoa era a principal referência para os Xakriabá dessa aldeia.

Diante da situação da Lagoa, a Funai e a comunidade fizeram uma pequena obra de desassoreamento dela, o que permitiu com que ela voltasse a ficar cheia após o período de chuvas.

Mas a situação da comunidade é ainda mais crítica porque que não só a lagoa tem secado, como os poços artesianos também têm apresentado o mais baixo nível de água desde que foram perfurados fazendo com que a água deles se torne imprópria para o consumo humano. Apenas uma torneira em frente à escola tem abastecido os moradores de Rancharia, na época da seca, quando formam fila em frente a ela para encher seus galões de água.

A lagoa é abastecida por nascentes que descem dos morros nos arredores de Rancharia, em locais como o Licuri e o Cipoal. Nesse último, há um poço que está sendo usado por uma pessoa para servir a bovinos e equinos, motivo de preocupação por parte dos pesquisadores e lideranças.

Para construir o mapa das águas da Terra Indígena Xakriabá/ Rancharia, o grupo caminhou por praticamente todos os cursos d’água da terra indígena, a maior parte deles secos, conforme pode ser visto nas imagens a seguir.